

# MINHA ANTÔNIA

WILLA CATHER



RELÓGIO D'ÁGUA

Minha *Ántonia*

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Título: Minha Ántonia  
Título original: *My Ántonia* (1918)  
Autora: Willa Cather  
Tradução: Marta Mendonça  
Revisão de texto: Pedro Mendes  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))  
sobre *The Water Carrier* (1881), de Jules Breton

© Relógio D'Água Editores, maio de 2018

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-847-2

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º 440682/18

Willa Cather

# Minha Ántonia

Tradução de  
Marta Mendonça

Ficções

## XII

Depois de a Ántonia ter ido morar com os Cutter, parecia importar-se apenas com piqueniques, festas e diversão. Quando não ia dançar, ficava a costurar até à meia-noite. A sua roupa nova era alvo de comentários cáusticos. Sob a orientação da Lena, copiou o novo vestido de gala da Sra. Gardener e o fato de sair da Sra. Smith tão habilidosamente com materiais baratos que as duas senhoras ficaram muito irritadas e a Sra. Cutter, que as invejava, ficou intimamente encantada.

A Tony agora usava luvas, sapatos de salto alto e chapéu com plumas, e ia à Baixa quase todas as tardes na companhia da Tiny, da Lena e da Anna Norueguesa dos Marshall. Nós, rapazes do secundário, costumávamos demorar-nos no intervalo da tarde para as vermos descer rapidamente a colina e percorrer o passeio de madeira, lado a lado. A cada dia que passava estavam mais bonitas, mas, quando passavam por nós, eu costumava pensar orgulhosamente que a Ántonia, tal como a Branca de Neve no conto de fadas, continuava a ser “a mais bonita de todas”.

Sendo agora aluno finalista, saía da escola mais cedo. Às vezes passava à frente das raparigas na Baixa e convencia-as a irmos à gelataria, onde se sentavam a rir e a tagarelar, partilhando comigo todas as novidades da região.

Lembro-me do quanto a Tiny Soderball me irritara certa tarde. Anunciara que ouvira dizer que a minha avó iria fazer de mim um padre da Igreja Batista.

— Vais ter de deixar de dançar e começar a usar um colarinho branco. Não acham que vai ficar com um ar esquisito, meninas?

A Lena riu-se:

— É bom que te despaches, Jim. Se vais ser padre, quero que sejas tu a casar-me. Tens de prometer casar-nos a todas e depois batizar os nossos filhos.

A Anna Norueguesa, sempre solene, olhou para ela com uma expressão reprovadora.

— Os Batistas não acreditam em batizar os bebés, pois não, Jim?

Respondi-lhe que não fazia ideia o que é que eles acreditavam ou não e que também não queria saber, e que de modo algum iria ser padre.

— Que pena — retorquiu a Tiny, com um sorriso afetado. Estava com uma disposição trocista. — Darias um bom padre. És tão estudioso. Talvez preferisses ser professor. Costumavas ensinar a Tony, não era?

A Ántonia interveio:

— Estou convencida de que o Jim vai ser médico. Terias jeito para cuidar de pessoas doentes, Jim. A tua avó ensinou-te tão bem. O meu papá estava sempre a dizer que eras um rapaz muito inteligente.

Respondi-lhe que seria o que me apetecesse ser.

— Ficarias admirada se me revelasse um grande safado, não ficarias, Menina Tiny?

Elas riram-se até que um sinal da Anna Norueguesa as fez parar; o diretor da escola secundária acabara de entrar na gelataria para comprar pão para o jantar. A Anna sabia que corria o boato de que eu era um fingido. As pessoas diziam que devia haver algo de errado num rapaz que não mostrava qualquer interesse por raparigas da sua idade e que ficava todo animado quando estava na companhia da Tony, da Lena ou das três Marias.

O entusiasmo pela dança, que os Vanni tinham despertado, não esmoreceu de imediato. Depois de a tenda ter deixado a cidade, o Euchre Club passou a ser o Clube dos Corujas, organizando bailes no Masonic Hall uma vez por semana. Fui convidado para fazer parte da organização, mas declinei. Nesse inverno andava mal-humorado e inquieto, cansado das pessoas que via todos os dias. O Charlie Harling já estava em Annapolis, ao passo que eu continuava sentado em Black Hawk, levantando-me da minha secretária ao som de uma campainha e saindo ordenadamente qual criança do ensino primário. A Sra. Harling andava um pouco fria comigo porque eu continuava a dar-me com a Ántonia. O que mais haveria de fazer a seguir ao jantar? Regra geral já aprendera a lição do dia seguinte quando saía do edifício da escola e não podia sentar-me a ler eternamente.

Ao serão costumava dar uma volta, à procura de diversão. Lá estavam as ruas familiares, cobertas de neve ou cheias de lama. Levavam às casas de gente boa que estava a deitar os seus bebés ou simplesmente sentada diante da lareira da sala, a digerir o jantar. Black Hawk tinha dois bares. Um era considerado, até mesmo pelos

frequentadores da igreja, um espaço tão respeitável quanto era possível a uma casa dessas. O bem-parecido Anton Jelinek, que alugara a sua propriedade e viera para a cidade, era o proprietário. No seu bar havia duas mesas compridas onde os agricultores boêmios e alemães podiam comer o almoço que traziam de casa, enquanto bebiam uma cerveja. O Jelinek vendia pão de centeio, peixe fumado e queijos fortes importados, para agradar ao palato estrangeiro. Eu gostava de ir ao seu bar e ficar a ouvir as conversas. Mas um dia ele ultrapassou-me na rua e agarrou-me pelo ombro.

— Jim — disse-me —, sou teu amigo e gosto sempre de te ver. Mas sabes a opinião que as pessoas religiosas têm dos bares. O teu avô sempre me tratou bem, por isso não quero que frequentes o meu bar, pois sei que não iria gostar e não quero que se chateie comigo.

Portanto, fui expulso de lá.

Podia também deambular pela drogaria, ouvindo os idosos que se sentavam lá todas as noites falarem sobre política e contarem histórias picantes. Podia ir à fábrica de charutos e conversar com o velho alemão que fazia criação de canários para vender, e dar uma olhadela nos seus pássaros embalsamados. Mas independentemente do que se falasse com ele, a conversa voltava sempre à taxidermia. Depois havia o entreposto, claro; costumava ir lá ver chegar o comboio da noite e depois sentava-me com o telegrafista desconsolado que estava sempre à espera de ser transferido para Omaha ou Denver, “onde havia mais animação”. Sacava sempre das suas fotografias de atrizes e bailarinas. Conseguia-as com os cupões dos cigarros e quase se matava a fumar só para possuir essas formas e rostos tão desejados. Para variar a rotina, podia conversar com o chefe da estação; mas ele era mais uma pessoa insatisfeita. Passava todo o tempo livre a escrever cartas aos superiores a solicitar que o transferissem. Queria regressar ao Wyoming, onde poderia ir à pesca da truta aos domingos. Costumava dizer que “não havia mais nada para ele na vida a não ser os ribeiros das trutas, desde que perdera os filhos gémeos”.

Essas eram as distrações que eu tinha à minha disposição. Não se viam mais nenhuma luzes acesas na Baixa depois das nove da noite. Nas noites estreladas, costumava subir e descer essas ruas compridas e frias, contemplando carrancudamente as pequenas casas adormecidas de cada lado, com as suas portadas fechadas contra o mau tempo

e os alpendres traseiros cobertos. Tratava-se de abrigos frágeis, a maioria fracamente construída com madeira leve, com colunas finas nos alpendres horrivelmente desfiguradas pelo tornado. Contudo, não obstante toda essa fragilidade, quanto ciúme, inveja e infelicidade algumas delas conseguiam conter! A vida que decorria no seu interior parecia-me feita de evasões e negações; artimanhas para poupar na culinária, na lavagem da roupa, na limpeza; planos para aquietar os boatos. Esse modo de vida cauteloso era como viver sob um regime de tirania. Os discursos das pessoas, as suas vozes, os seus próprios olhares, tornavam-se furtivos e reprimidos. Cada gosto individual, cada apetite natural, era refreado pela cautela. As pessoas que dormiam no interior dessas casas, pensei, tentavam viver como os ratos que habitavam as suas cozinhas; sem fazerem barulho, sem deixarem rasto, passando por cima das coisas na escuridão. As crescentes pilhas de cinzas e brasas nos quintais das traseiras eram a única prova de que o processo dissipador e desgastante da vida acontecia de facto. Nas terças-feiras à noite, o Clube dos Corujas dava bailes; em seguida havia uma ligeira agitação nas ruas e aqui e ali viam-se janelas com luz até à meia-noite. Mas na noite seguinte tudo estava novamente às escuras.

Depois de eu ter recusado fazer parte dos “Corujas”, como eles eram conhecidos, tomei a decisão ousada de ir aos bailes de sábado à noite no Salão dos Bombeiros. Sabia que de nada serviria informar os meus familiares desse plano. O meu avô não aprovava os bailes; dizia-me apenas que, se queria dançar, poderia ir ao Masonic Hall e estar “com pessoas que conhecíamos”. A questão era precisamente eu já ver demasiado as pessoas que conhecíamos.

O meu quarto ficava no piso inferior e como o utilizava para estudar, tinha um fogão para o aquecer. Ao sábado à noite costumava recolher cedo ao meu quarto, mudar de camisa e colarinho, e vestir o meu casaco de domingo. Esperava até que a casa ficasse em silêncio e os velhotes estivessem a dormir, depois levantava a minha janela, esgueirava-me para a rua e atravessava o quintal sem fazer barulho. A primeira vez que enganei os meus avós senti-me muito mal, talvez até da segunda vez, mas rapidamente deixei de pensar no assunto.

O baile no Salão dos Bombeiros era a única coisa por que eu ansiava a semana inteira. Lá encontrava as mesmas pessoas que costu-



mava ver na tenda dos Vanni. Às vezes havia boémios de Wilber, ou rapazes alemães que chegavam de Bismarck no comboio da tarde. A Tony, a Lena e a Tiny estavam sempre lá, bem como as três Marias boémias e as raparigas dinamarquesas da lavandaria.

As quatro raparigas dinamarquesas moravam com o homem da lavandaria e a esposa dele numa casa nas traseiras da lavandaria, com um grande quintal onde as roupas eram penduradas a secar. O homem da lavandaria era um idoso simpático e sábio que pagava bem às empregadas, cuidava delas e proporcionava-lhes um bom lar. Uma vez contara-me que a filha morrera quando começava a ter idade suficiente para ajudar a mãe e que ele andava a tentar “compensar esse facto desde então”. Nas tardes de verão costumava sentar-se durante horas no passeio diante da lavandaria, o jornal pousado em cima do joelho, observando as suas meninas através da enorme janela aberta, enquanto elas engomavam e conversavam em dinamarquês. As nuvens de poeira branca que se levantavam do solo e as rajadas de vento quente que lhe secavam a horta nunca perturbavam a sua calma. A sua expressão brincalhona parecia dizer que descobrira o segredo para o contentamento. Manhã e tarde andava na sua carroça com suspensão, distribuindo roupa acabada de engomar e recolhendo sacos de roupa de cama muito necessitada da sua água de sabão e do seu estendal ao sol. As suas meninas nunca pareciam tão bonitas nos bailes como quando estavam atrás das tábuas de engomar, ou mesmo debruçadas sobre as tinas, lavando as peças mais delicadas, os braços brancos e os pescoços descobertos, as faces luminosas como as mais resplandcentes rosas selvagens, o cabelo dourado molhado do vapor ou do calor, encaracolando-se em pequenas espirais húmidas junto às orelhas. Não tinham aprendido muito inglês e não eram tão ambiciosas como a Tony ou a Lena; mas eram raparigas simples e simpáticas, e estavam sempre contentes. Quando dançávamos com elas, sentíamos o odor às suas vestes lavadas e acabadas de engomar que tinham sido guardadas com alecrim do jardim do Sr. Jensen.

Nunca havia raparigas suficientes nesses bailes, mas toda a gente queria dançar com a Tony e a Lena.

A Lena movimentava-se sem esforço, com alguma indolência, muitas vezes enfatizando calmamente o ritmo no ombro do parceiro

de dança. Sorria quando lhe dirigiam a palavra, mas raramente respondia. A música parecia deixá-la num espécie de sonho acordado, e os seus olhos cor de violeta fitavam-nos com um ar sonolento e confiante por baixo das pestanas compridas. Quando suspirava, exalava um aroma intenso a substâncias aromáticas. Dançar *Home, Sweet Home* com a Lena era como chegar com a maré. Dançava todas as músicas como se fossem valsas e era sempre a mesma valsa — a valsa de regressar por fim a casa, do retorno escrito nas estrelas e inevitável. Passado algum tempo, a pessoa começava a ficar inquieta, como quando estamos debaixo do calor de um dia de verão quente e abafado.

Quando rodopiávamos na pista de dança com a Tony, não regressávamos a nada. De todas as vezes partíamos numa nova aventura. Eu gostava de dançar a polca com ela; tinha tanta energia e variedade de movimentos, e estava sempre a incluir novos passos e deslizes. Ensinou-me a dançar contra e em torno da batida forte e rápida da música. Se, em vez de ter vindo até ao final da linha férrea, o velho Sr. Shimerda tivesse ficado em Nova Iorque e escolhido ganhar a vida a tocar violino, quão diferente poderia ter sido a vida da António!

A António ia frequentemente aos bailes com o Larry Donovan, um revisor de passageiros que era uma espécie de mulherengo profissional, como costumávamos dizer. Lembro-me de como todos os rapazes olharam com admiração para ela na noite em que usou pela primeira vez o seu vestido de veludilho, feito à semelhança do vestido de veludo preto da Sra. Gardener. Estava maravilhosa, os olhos a brilharem e os lábios sempre ligeiramente entreabertos enquanto dançava. O tom moreno e constante das suas faces nunca mudava.

Uma noite, quando o Donovan estava a trabalhar, a António apareceu no salão com a Anna Norueguesa e o namorado desta, e nessa noite acompanhei-a a casa. Quando estávamos no quintal dos Cutter, abrigados pela folhagem, disse-lhe que ela tinha de me dar um beijo de boas noites.

— Claro que sim, Jim. — Um instante depois afastou o rosto e sussurrou, num tom indignado: — Então, Jim?! Sabes bem que não me podes beijar dessa maneira. Vou contar à tua avó!

— A Lena Lingard deixa-me beijá-la assim — repliquei — e não gosto tanto dela como gosto de ti.

— A Lena deixa? — A Tony arquejou. — Se ela se meter contigo arranco-lhe os olhos. — Pegou novamente no meu braço e saímos portão fora, subindo e descendo o passeio. — Agora não te armes em palerma como alguns dos rapazes da cidade. Não vais ficar aqui sentado a raspar em caixotes com o canivete e a contar histórias a tua vida inteira. Vais para a universidade e vais ser alguém na vida. Tenho muito orgulho em ti. Não vais andar metido com as suecas, pois não?

— Não quero saber de nenhuma delas, só de ti — respondi-lhe. — Mas tu hás de tratar-me sempre como um miúdo.

Ela riu-se e lançou os braços ao meu pescoço:

— Calculo que sim, mas, seja como for, és um miúdo de quem gosto muito! Podes gostar de mim à vontade, mas se te vejo a andar muito com a Lena, vou dizer à tua avó, tão certo como o teu nome ser Jim Burden! A Lena é boa pessoa, só que... Bem, tu sabes que esse é o ponto fraco dela. Não o consegues evitar. Faz parte dela.

Se ela tinha orgulho em mim, então eu tinha tanto orgulho nela que levantei a cabeça bem alto quando emergi dos cedros escuros e fechei silenciosamente o portão dos Cutter atrás de mim. O seu rosto quente e doce, os braços carinhosos, e o coração verdadeiro; ela era, oh, ela continuava a ser a minha Ántonia! Olhei com desdém para as casas escuras e silenciosas à minha volta, no caminho para casa, e pensei nos jovens estúpidos que dormiam no interior de algumas delas. Eu sabia onde estavam as mulheres a sério, embora não passasse de um rapaz; e também não teria medo delas!

Detestava entrar na casa silenciosa quando regressava dos bailes e demorava sempre imenso tempo a adormecer. Perto do amanhecer costumava ter sonhos agradáveis: às vezes eu e a Tony estávamos no campo, escorregando do cimo dos montes de palha, como costumávamos fazer, escalando essas montanhas amarelas vezes sem conta e escorregando pelas laterais lisas abaixo, para cima de pilhas macias de folhas de milho.

Havia um sonho que sonhava com muita frequência e era sempre igual. Estava num campo de cultivo cheio de medas e estava encostado a uma delas. A Lena Lingard apareceu caminhando descalça sobre a vegetação, envergando uma saia curta e com uma foice na mão, e estava corada como a manhã, com uma espécie de rosado

luminoso a toda a sua volta. Sentou-se ao meu lado, virou-se para mim e, com um leve suspiro, disse:

— Já se foram todos embora, agora posso beijar-te à minha vontade.

Costumava desejar conseguir ter esse sonho lisonjeador com a *Ántonia*, mas nunca aconteceu.